

Este site utiliza cookies da Google para disponibilizar os respetivos serviços e para analisar o tráfego. O seu endereço IP e agente do utilizador são partilhados com a Google, bem como o desempenho e a métrica de segurança, para assegurar a qualidade do serviço, gerar as estatísticas de utilização e detetar e resolver abusos de endereço.

OBTER MAIS INFORMAÇÕES OK

# A inocência recompensada

Literatura para a Infância, a Juventude e não só...

DOMINGO, 27 DE FEVEREIRO DE 2011

## ➔ O Grande Voo do Pardal, de Lídia Jorge e Inês de Oliveira: uma incursão na filosofia para crianças e na educação para os valores



Em 2007, publicou Lídia Jorge o que é apresentado como o seu trabalho de estreia no domínio da chamada literatura para a infância: *O Grande Voo do Pardal* (Dom Quixote, 2007). A esta obra seguiu-se, mais recentemente, *Romance do Grande Gatão* (Dom Quixote, 2010).

Assinale-se, contudo, que, já em 1994, e com ilustrações de Alain Corbel, a Contexto & Imagem havia

editado autonomamente, com o formato de livro para crianças, um dos contos “para adultos” da autora, obra a que foi dado o título *O Conto do Nadador*.

De modo singelo e numa linguagem despretensiosa (mas de recorte literário), como convém quando se pretende abordar determinados temas e enfatizar certos valores pensando em leitores muito jovens – referimo-nos à compaixão pelos outros e aos sentidos da vida e da liberdade como condições indispensáveis para alcançar um pouco de felicidade terrena –, *O Grande Voo do Pardal* conta-nos a história de um homem, Henrique Gaspar, que “possuía a casa mais linda das redondezas”. E o narrador prossegue, recorrendo a comparações escolhidas a dedo, tendo em atenção o(s) sentido(s) que a coerência semântica do texto, como veremos, reclama: “Ninguém sabia onde ele ia buscar aquilo – árvores com flores cheirosas, relva lisa como carpete, uma piscina que parecia um espelho” (p. 7). Todos os dias, porém, era assaltado por bandos de pardais que lhe estragavam o telhado e interrompiam o seu sossego: “Detestava esses pássaros,

## Como adquirir a Malasartes



Revista Malasartes - Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude

## NOTA

- ➔ Este editor não oferece o formato UNICODE que suporta todos os acentos e caracteres, pelo que alguns nomes de autores, para que possam aparecer ordenados alfabeticamente, não apresentam acentos.

## Escritores e ilustradores de LIJ

- ➔ [Alex Gozblau](#)
- ➔ [Alexandre Honrado](#)
- ➔ [Agustín Fernández Paz](#)
- ➔ [Alain Corbel](#)
- ➔ [Alice Vieira](#)
- ➔ [Alvaro Magalhães](#)
- ➔ [Alves Redol](#)
- ➔ [Ana de Castro Osório](#)

que dizia terem as penas enxovalhadas, cinzento encardido, além de serem, de entre todos os pássaros, os mais inquietos, os mais glutões, os mais atrevidos. (...) Detestava-os.” (p. 11). E todos os dias inventava novas formas de afastar as aves da sua propriedade, planeando sempre novas estratégias, todas elas invariavelmente falhadas. Um dia, “estava ele precisamente a podar uns arbustos, quando reparou num pequeno molho de penas que se movia. Era um molhinho cinzento pousado no chão, que parecia respirar, ali mesmo junto a uma aba de roseira” (p. 8). Tratava-se de um jovem pardal que, por lhe faltar a pata direita, não podia voar. Henrique Gaspar tivera a oportunidade de se vingar dos pardais, mas, perante a pequena ave indefesa, não foi capaz de executar os seus intentos, antes “tomou o animal entre os dedos, pô-lo na palma de uma das mãos, acalmou-lhe o coração com a outra, juntou a cabeça do pardal aos lábios para o aquecer e foi para casa fazer-lhe o curativo” (p.14).

Não será descabido afirmar que, nesse momento, Henrique Gaspar foi colocado perante o amor natural, descrito por Rousseau, no seu “Discours sur l’Origine et les Fondements de l’Inégalité parmi les Hommes”, como uma das duas paixões que engrandecem o homem: a *compaixão*, a qual não permite que fiquemos indiferentes em relação aos outros.

Henrique Gaspar, que até então “detestava esses pássaros” (p. 11) e se encontrava dominado por aquilo a que Erich Fromm chamou o “mundo do ter”, das imagens e dos simulacros, representado pelas “árvores com flores cheirosas, relva lisa como carpete, uma piscina que parecia um espelho”, pelos “lindos sofás brancos comprados na Divani” (p. 17), reconstrói a sua existência no “mundo do ser”, tornando-se, pela descoberta, pela partilha, pelo diálogo com o “outro” (simbolizado no conto pelo pequeno pardal) mais humano e mais próximo de si mesmo. Neste processo de descoberta do outro, que é sempre um encontro consigo próprio, Henrique Gaspar revela também outra qualidade: o altruísmo, naquele sentido que lhe atribui Augusto Comte, em 1851, quando o refere como essencial para estabelecer e edificar relações de amizade, e entendido universalmente como a alienação do bem estar pessoal em favor do bem estar alheio. Daí que Henrique Gaspar se dedique à cura do jovem pardal, renunciando à preservação dos móveis que compõem a sua sala, para, na altura certa, tentar, não obstante a relação simbiótica já estabelecida entre os dois, homem e ave, a reintegração daquele ser no seu habitat natural. Mas, para isso, “era preciso que um bando viesse e levasse consigo o pardal domesticado” (p. 21). Se, antes, Henrique Gaspar fizera esforços para afastar os pardais, agora engendrava todas as estratégias para atrair os pássaros e, dessa forma, restituir à liberdade a jovem ave. Finalmente, após aturado esforço, “o pardal da perna só saltou para o chão, saltou para a borda da vasilha com água e depois elevou-se acima das roseiras, e subiu no ar, entre os seus. Era um entre muitos” (p.23), e o “novelinho cinzento” iniciou assim o seu primeiro grande voo. Surpreendentemente, porém, assistimos, um dia depois, ao seu regresso: “Os dois são livres mas querem estar juntos” (p. 28). É agora a vez de o jovem pássaro revelar ao homem uma outra virtude, que apenas decorre de uma “liberdade positiva”, segundo Isaiah Berlin: a *lealdade* – que já Platão considerara ser, de entre todos, o valor mais elevado e filosófico.

Deste longo processo de aprendizagem do homem com a natureza, fica a certeza de que só somos realmente livres quando somos nós a

- [Ana Maria Magalhães](#)
- [Ana Saldanha](#)
- [António García Teijeiro](#)
- [António Modesto](#)
- [António Mota](#)
- [António Rodrigo Garcia Barreto](#)
- [António Torrado](#)
- [Aquilino Ribeiro](#)
- [Carla Maia de Almeida](#)
- [Carla Pott](#)
- [Carlos Correia](#)
- [Catarina Fernandes](#)
- [Catarina Fonseca](#)
- [Cristina Sampaio](#)
- [Danuta Rosa Wojciechowska](#)
- [Elvira Riveiro Tobío](#)
- [Emílio Remelhe](#)
- [Fina Casaldelrey](#)
- [Fran Alonso](#)
- [Francisco Duarte Mangas](#)
- [Gabriela Sotto Mayor](#)
- [Glória Bastos](#)
- [Gémeo Luís - Eds. Eterogémeas](#)
- [Ilse Losa](#)
- [Ines Oliveira](#)
- [Isabel Alçada](#)
- [Joao Maio Pinto](#)
- [João Manuel Ribeiro](#)
- [João Pedro Mésseder](#)
- [Joao Vaz de Carvalho](#)
- [Jorge Colombo](#)
- [José Jorge Letria](#)
- [José Vaz](#)
- [Luísa Ducla Soares](#)
- [Manuel António Pina](#)
- [Manuela Bacelar](#)
- [Margarida Fonseca Santos](#)
- [Maria Cecília Correia](#)
- [Maria da Conceição Ferreira](#)
- [Maria Rosa Colaço](#)
- [Marilar Aleixandre](#)
- [Marta Torrão](#)
- [Matilde Rosa Araújo](#)

fazer as nossas escolhas, a decidir as nossas liberdades. Com a definição de liberdade, fechamos a página vinte e oito com a pergunta, cuja resposta nos é dada ao longo desta conseguida narrativa: “Há lá maior liberdade no Mundo?”.

Ecos de Rousseau associados à fusão idílica do homem com a natureza e a uma certa crença na sua bondade inata são, em suma, algumas das mensagens mais ou menos subliminares que se desenham neste que é o primeiro conto intencionalmente destinado à infância por Lídia Jorge. Um conto bem ilustrado por uma ainda jovem, mas não estreante, ilustradora – Inês de Oliveira, que (afastando-se, cada vez mais, da sua referência tutelar: a austríaca Lisbeth Zwerger) envereda neste livro por uma técnica mista, aguarela e acrílico sobre papel, à qual já recorrera noutras obras. Utilizada timidamente em *A Bela e o Monstro* (Porto Editora, 2005), de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, esta técnica consolida-se no livro *Lendas e Contos Indianos* (Ambar, 2006), de José Jorge Letria. O cuidado na composição, a qualidade do desenho e a atenção ao texto são, nesta ilustradora, uma imagem de marca.

Ana Cristina Vasconcelos

NELA (Núcleo de Estudos Literários e Artísticos da ESE do Porto)

Publicada por Pedro Malasartes à(s) [23:25](#)






[Mensagem mais recente](#)

[Página inicial](#)

[Mensagem antiga](#)

- ➔ [Miguelanxo Prado](#)
- ➔ [Mário de Carvalho](#)
- ➔ [Natércia Rocha](#)
- ➔ [Paco Martín](#)
- ➔ [Pedro Morais](#)
- ➔ [Rita Oliveira Dias](#)
- ➔ [Sofia Ester](#)
- ➔ [Sofia Vilarigues](#)
- ➔ [Sophia de Mello Breyner Andresen](#)
- ➔ [Vasco Colombo](#)
- ➔ [Vergílio Alberto Vieira](#)
- ➔ [Violeta Figueiredo](#)
- ➔ [Xabier P. Docampo](#)

### Lista de blogs, páginas e portais sobre LIJ

- ➔  [alcameh](#)
- ➔ [Ana Margarida Ramos](#)
- ➔ [Casa da Leitura](#)
- ➔ [CRILIJ](#)
- ➔  [Letra pequena](#)
- ➔ [Netescrit@](#)
- ➔  [O Bicho dos Livros](#)
- ➔  [O Jardim Assombrado](#)
- ➔  [Poesia Infantil i Juvenil](#)
- ➔  [Red Tematica LIJMI](#)
- ➔ [Sara Reis da Silva](#)

### Outros blogues e portais

- ➔  [A inocência descompensada](#)

### Arquivo do blogue

- ▶ 2016 (2)
- ▶ 2015 (1)
- ▶ 2014 (5)
- ▶ 2013 (4)
- ▶ 2012 (11)
- ▼ 2011 (17)
  - ▶ Dezembro (1)
  - ▶ Novembro (2)
  - ▶ Outubro (1)
  - ▶ Julho (2)

▶ Junho (2)

▶ Maio (2)

▶ Abril (1)

▶ Março (2)

▼ Fevereiro (2)

[O Grande Voo do Pardal, de Lúcia Jorge e Inês de O...](#)

[As narrativas de Ana Luísa Amaral para a infância](#)

▶ Janeiro (2)

▶ 2010 (18)

▶ 2009 (26)

▶ 2008 (6)

## Seguidores

Seguidores (74) [Seguir](#)



Seguir